



Entrevista

Separados pelo oceano, unidos pela Contabilidade

Artigos abordam importantes temas para a profissão

ENTREVISTA

Separados pelo oceano, unidos pela Contabilidade

Por Lorena Molter e Gustavo Sousa

Em entrevista à *Revista Brasileira de Contabilidade*, a bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados de Portugal, Paula Franco, destaca como a parceria entre Brasil e Portugal fortalece a profissão, impulsiona a convergência internacional de normas e prepara os profissionais para os desafios da inteligência artificial, da sustentabilidade e da economia global.

Há mais de uma década, Brasil e Portugal transformaram a proximidade histórica e cultural em uma agenda permanente de cooperação para fortalecer a Contabilidade. A parceria entre o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e a Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) consolidou iniciativas que ultrapassam fronteiras, promovem o intercâmbio técnico e científico e ampliam a par-

ticipação da comunidade lusófona nos principais fóruns internacionais da profissão.

Nesta entrevista à *Revista Brasileira de Contabilidade* (RBC), a bastonária da OCC, Paula Franco, analisa os avanços dessa relação institucional e aponta os caminhos para que os países de língua portuguesa atuem de forma cada vez mais integrada. A dirigente também aborda temas que

moldam o futuro da profissão, como inteligência artificial, sustentabilidade, educação profissional continuada e convergência das normas internacionais, defendendo que o fortalecimento da cooperação entre Brasil e Portugal representa uma oportunidade estratégica para ampliar a relevância da Contabilidade no desenvolvimento econômico e na geração de confiança para os mercados.

RBC – Ao longo da história do CFC e da OCC, diferentes parcerias foram estabelecidas pelas entidades, como o desenvolvimento do Encontro Luso-Brasileiro de Contabilidade. Para a Ordem, como essas iniciativas fortalecem tanto o Conselho quanto a Ordem?

Paula Franco – O Conselho Federal de Contabilidade e a Ordem dos Contabilistas Certificados mantêm uma relação institucional de cooperação há vários anos, enquadrada na aproximação entre as profissões contabilísticas de Portugal e do

Brasil e no âmbito de organizações internacionais como a União dos Contabilistas e Auditores de Língua Portuguesa (Ucalp), o Cilea e a Ifac. Portugal e Brasil têm um enorme oceano a separá-los, mas a língua, a cultura e a história são fatores que nos aproximam como mais nenhuma outra nação no mundo. Através da dinamização de conferências, protocolos e a presença em organizações internacionais, Portugal e Brasil só têm a ganhar com a partilha das melhores práticas, o intercâmbio técnico e científico e a cooperação na adoção de normas

internacionais, incorporando todas estas dimensões no dia a dia das profissões e dos profissionais.

RBC – O Encontro Luso-Brasileiro de Contabilidade foi consagrado pelo lema “Separados pelo Oceano, Unidos pela Contabilidade”. Como a integração entre o CFC e a OCC pode fortalecer a profissão contábil e as economias do Brasil e de Portugal?

P. F. – O lema surgiu com a criação do Encontro Luso-Brasileiro de Contabilidade, em 2010, impulsionada pelo professor António Lopes de Sá, personalidade maior da Contabilidade brasileira, no âmbito da parceria entre o Conselho Federal de Contabilidade do Brasil e a então Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas de Portugal, liderada pelo bastonário António Domingues de Azevedo. “Separados pelo Oceano, Unidos pela Contabilidade” é um mote que simboliza a forte ligação entre Portugal e Brasil através da profissão contabilística. Apesar da distância geográfica e das diferenças jurídicas e económicas, ambos os países partilham uma língua comum, uma herança histórica e desafios semelhantes na evolução da Contabilidade.

O Encontro Luso-Brasileiro de Contabilidade foi criado precisamente para fortalecer essa cooperação, promovendo a troca de conhecimentos, a partilha de boas práticas e o debate sobre temas como a harmonização das normas contabilísticas, a transformação digital, a formação dos profissionais e os desafios da sustentabilidade e da governação. O lema traduz a ideia de que a contabilidade é uma linguagem comum que aproxima profissionais, instituições e académicos dos dois lados do Atlântico, reforçando uma comunidade de conhecimento e colaboração.

Foto: Acervo Paula Franco



*Em respeito ao texto original e às características da sua redação, optamos por preservar a grafia conforme a norma ortográfica vigente em Portugal.

“Separados pelo Oceano, Unidos pela Contabilidade” é um mote que simboliza a forte ligação entre Portugal e Brasil através da profissão contabilística. Apesar da distância geográfica e das diferenças jurídicas e económicas, ambos os países partilham uma língua comum, uma herança histórica e desafios semelhantes na evolução da Contabilidade.”

RBC – Outro marco na história do CFC e da OCC foi a criação da União dos Contabilistas e Auditores de Língua Portuguesa (Ucalp). Como essa entidade pode contribuir para o desenvolvimento da contabilidade nos países lusófonos?

P. F. – Estamos na presença de diferentes culturas, oriundas de diferentes latitudes, mas com um património imaterial em comum: a língua portuguesa. Acredito que só a soma das partes pode criar o bloco lusófono da Contabilidade, que permitirá conquistar importantes mais-valias para as economias de todos os países que constituem a Ucalp. Esta organização foi criada para que os países que partilham a mesma língua pudessem promover o conhecimento, trocar experiências e perspetivas profissionais. A voz do Brasil e de Portugal, como países com boas práticas e experiências mais evoluídas, é fundamental para que os outros países que constituem esta união possam melhorar os seus desempenhos.

Foto: Acervo Paula Franco



RBC – Como a OCC avalia os benefícios da padronização dos processos contábeis pelo mundo?

P. F. – A padronização dos processos contabilísticos a nível mundial traz vantagens significativas para empresas, investidores, reguladores e para a própria profissão contabilística. A adoção de normas internacionais, como as *International Financial Reporting Standards* Fou-

ndation (IFRS), tem contribuído para tornar a informação financeira mais transparente, comparável e fiável. Em suma, a padronização dos processos contabilísticos constitui um dos pilares da globalização económica. Ao harmonizar a linguagem financeira utilizada pelas organizações, promove maior transparência, reduz custos, facilita o investimento internacional e reforça a confiança nos mercados. Num contexto de crescente digitalização e internacionalização das empresas, a convergência contabilística assume também um papel estratégico para o desenvolvimento económico e para a estabilidade dos siste-

mas financeiros.

Apesar das indiscutíveis vantagens, a padronização não elimina todos os desafios. Persistem diferenças na legislação fiscal, no direito comercial e nas práticas empresariais de cada país. Além disso, a adoção de normas internacionais implica investimento em formação, atualização tecnológica e adaptação organizacional.

RBC – Que ganhos a parceria entre a OCC e o CFC pode trazer para o campo da educação profissional continuada?

P. F. – A estreita cooperação entre a OCC e o CFC permite criar um ecossistema de aprendizagem contínua mais robusto, inovador e internacionalizado, beneficiando os profissionais de ambos os países. No âmbito da presença da OCC e do CFC no Cilea, organização contabilística de matriz latina, a plataforma CCCLIX (destinada aos contabilistas portugueses) serviu de inspiração para a criação do Cileaclix, uma plataforma na qual é possível aceder a uma ampla gama de vídeos produzidos pelos diversos países que constituem o Cilea, abrangendo diversos temas de natureza fiscal e contabilística. Em resumo, trata-se de uma ferramenta essencial para empresários interessados nos mercados internacionais e para os próprios contabilistas que desejam trabalhar globalmente. Este é, por isso, um exemplo inequívoco das vantagens do intercâmbio de conhecimento e formação.

RBC – Para a OCC qual o papel dos profissionais da contabilidade na pauta da sustentabilidade?

P. F. – A sustentabilidade tornou-se um dos maiores desafios e também fonte de oportunidades para a profissão contabilística. Atualmente, os contabilistas são chamados a desempenhar um papel que vai muito além do relato financeiro tradicional, apoiando as organizações na medição, gestão e divulgação do seu desempenho ambiental, social e de governação (ESG). O contabilista do futuro deixa de ser apenas um especialista em informação financeira para assumir um papel de gestor de informação estratégica, ajudando as organizações a conciliar desempenho económico, responsabilidade ambiental e impacto social. A capacidade de medir, analisar e comuni-



Foto: Acervo CFC

car informação de sustentabilidade será um dos fatores mais determinantes para a evolução da profissão nos próximos anos. É na criação de valor que reside o busilís desta transformando, existindo a necessidade de demonstrar que a sustentabilidade pode gerar eficiência, inovação e vantagens competitivas, apoiando as empresas no acesso a financiamento sustentável e contribuindo para modelos de negócio mais resilientes e de longo prazo.

RBC – Como a implementação de novas tecnologias e a digitalização podem ser um diferencial competitivo para os profissionais da contabilidade?

P. F. – A Contabilidade está a entrar numa nova era. O rápido avanço da inteligência artificial, em particular dos modelos de linguagem de grande escala, está a alterar significativamente o papel dos profissionais da área. Longe de se tratar apenas de mais uma ferramenta digital, estas tecnologias estão a alterar profundamente a forma como se gere o conhecimento fiscal e contabilístico — e com isso, a abrir caminho para o surgimento de novas funções que exigem competências técnicas, analíticas e estratégicas. Mas isso não significa que a profissão esteja em vias de desaparecer,

como alguns antecipam. Pelo contrário: está a evoluir. Acredito, por isso, que este novo paradigma será uma oportunidade para um novo perfil de profissionais.

RBC – Como a OCC julga que deve ser abordada a relação entre ética e inteligência artificial?

P. F. – O principal desafio não é decidir se a inteligência artificial deve ser utilizada na contabilidade, mas como utilizá-la de forma responsável. A profissão terá de encontrar um equilíbrio entre a inovação tecnológica e os princípios éticos que sustentam a confiança na informação financeira. Num contexto em que a IA executa tarefas cada vez mais complexas, o valor acrescentado do contabilista residirá menos no processamento de informação e mais na capacidade de exercer julgamento profissional, interpretar resultados, garantir a conformidade normativa e assegurar que a tecnologia é usada ao serviço do interesse público e da confiança nos mercados.

RBC – Como as entidades podem trabalhar juntas em novas iniciativas voltadas para ampliar a atratividade da profissão em seus países?

P. F. – Se quisermos que a profissão continue a ser respeitada e valorizada, temos de investir na qualidade da formação. Isso significa atualizar constantemente os currículos, acompanhar as tendências internacionais e apostar em metodologias que coloquem o estudante no centro do processo de aprendizagem. Significa também reforçar as competências humanas, lembrando que, apesar de toda a tecnologia, a profissão é feita de pessoas para pessoas. E significa, ainda, incentivar a investigação científica, criando uma base de conhecimento sólida que sustente a evolução da profissão.

A formação da nova geração de contabilistas terá de ser um processo contínuo, estruturado e estratégico, que garanta a qualidade e a credibilidade da profissão, com contributos de várias entidades com que nos relacionamos, onde se inclui, naturalmente, o CFC.

RBC – Quais práticas da contabilidade brasileira a OCC destaca que poderiam ser levadas para outros países?

P. F. – A Contabilidade brasileira é hoje reconhecida internacionalmente em várias áreas e pode ser considerada de vanguarda em alguns domínios. Embora Portugal tenha também aspetos de excelência, existem temas em que o Brasil desenvolveu soluções particularmente inovadoras, sobretudo devido à dimensão do seu mercado, ao elevado grau de digitalização fiscal e à organização da profissão. Todavia, gostaria de destacar, o dinamismo brasileiro ao afirmar-se como uma das maiores comunidades académicas de Contabilidade na América Latina, com numerosas revistas científicas, programas de mestrado e doutoramento e uma produção significativa de investigação em auditoria, contabilidade financeira, setor público, fiscalidade e sustentabilidade. Basta ver os congressos internacionais de contabilidade que organizamos em Portugal para verificar a consistência do vosso país neste domínio.

RBC – Como Brasil e Portugal, juntos, podem contribuir para o processo de convergência das normas internacionais para os países de língua portuguesa?

P. F. – Brasil e Portugal têm uma oportunidade singular para liderar a convergência das normas internacionais de contabilidade no espaço lusófono. Partilham a mesma língua, adotam as normas internacionais de relato finance-

iro em diferentes graus e possuem ordens profissionais e instituições fortes, capazes de influenciar a formação, a regulação e a prática contabilística nos países de língua portuguesa. O bloco da lusofonia é muito forte juntando a soma de todas as partes, por isso, uma intervenção internacional coordenada destes países, nomeadamente junto do Ifac, pode trazer grandes ganhos para o mundo da contabilidade em português.

RBC – Como esse processo pode fomentar a melhoria do ambiente de negócios, reduzir assimetrias regulatórias, aprimorar a segurança jurídica no intercâmbio desses países e por consequência movimentar a economia e ter a Contabilidade no centro dessas garantias econômicas?

P. F. – Mais do que uma convergência técnica, o bloco da lusofonia como língua de referência na profissão contabilística é um objetivo que não podemos perder de vista e que deve ser acompanhado e incentivado permanentemente.

RBC – Qual a importância do professor doutor Antônio Lopes de Sá para a integração Brasil-Portugal?

P. F. – O professor Antônio Lopes de Sá foi um grande amigo de Portugal e dos contabilistas portugueses, ou não tivesse ele também nacionalidade luso-brasileira, referindo de forma reiterada que era ‘português por opção’.

Recordo com enorme saudade algumas das inesquecíveis palestras que protagonizou no nosso país. A sua obra ultrapassou as fronteiras brasileiras, tendo exercido forte influência em Portugal, Espanha, Itália e em vários países da América Latina. A âncora do seu pensamento residiu na teoria do Neopatrimonialismo. Foi o criador do Congresso Internacional de Contabilidade do Mundo Latino (Prolatino), lançado em 1997 com o objetivo de aproximar investigadores e profissionais dos países latinos e reforçar a identidade científica da contabilidade nesses países. O congresso rapidamente ganhou dimensão internacional graças ao prestígio académico de Lopes de Sá. No próximo ano, serão assinalados 30 anos da criação do Prolatino e será também celebrado o centenário do nascimento do professor, a 9 de abril de 1927, em Belo Horizonte. O CFC vai evocá-lo da forma como ele merece e pode, desde já, contar com todo o apoio da Ordem dos Contabilistas Certificados.

